

# A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DE UM ARQUIVO PESSOAL: o caso do arquivo do poeta Alberto de Moura

THE CONSTRUCTION OF MEMORY THROUGH A PERSONAL ARCHIVES: the case of Alberto de Moura poet's archives

Vanildo Pereira Pontes

**Resumo:** O artigo apresenta o contexto informacional do arquivo pessoal de Alberto Alexandre Viana de Moura, tem por objetivo apresentar a organização e análise do arquivo pessoal do mesmo como instrumento de construção de uma memória de si e coletiva. O processo metodológico circunscreve no referencial teórico de temas (memória, história, arquivo, ciência da informação) e na análise e organização atribuída ao arquivo, que resultará na resolução do arquivo como instrumento de transmissão da imagem de si construída pelo autor ou produtor do arquivo: unitária, coerente, linear, verdadeira ou sincera.

**Palavras-chave:** Alberto de Moura; Arquivo pessoal; Documentos; Memória

**Abstract:** The article presents the informational context of staff Alberto Alexandre Viana de Moura file, aims to present the organization and analysis of the personal file of the same construction as instrument of memory itself and collective. The methodological process limited in theoretical subjects (memory, history, archive, information science) and the analysis and organization assigned to the file, resulting in the resolution of the file as image transmission instrument itself built by the author or file producer: unitary, coherent, linear, real or sincere.

**Keywords:** Alberto de Moura; Personal archives; Documents; Memory

## Introdução

A arquivologia é uma área do conhecimento que busca analisar os processos organizacionais relativos aos fluxos informacionais e propor formas adequadas para seu tratamento, incluindo regras de produção, trâmite, utilização, avaliação e destinação (preservação permanente ou eliminação) de documentos e informações orgânicas.

O arquivo pessoal é a composição de documentos pessoais de cunho privado e público do titular, que representa sua própria história, materiais esses acumulados durante toda a sua vida, sob a resolução construtiva da memória de si coerentemente integrada a esses documentos.

O arquivo pessoal pode ser percebido como uma escrita de si: a pessoa seleciona documentos – desde aqueles mais pessoais até aqueles relacionados à vida pública, passando por fotografias, coleções, objetos e correspondências – com o objetivo de compor relatos de suas histórias de vida. O arquivo pressupõe, portanto, registros e lembranças da vida íntima e da vida profissional.

Ao longo de sua vida de homem simples, público, político e aspirante a poeta, Alberto de Moura reuniu vários documentos e os arquivou para compor a sua memória individual. É esse conjunto de documentos o objeto de análise do presente trabalho. A experiência junto aos *personal papers* de Alberto de Moura apresentou-se como uma possibilidade de

reflexão teórica e metodológica a respeito dos arquivos pessoais, memória e escrita autobiográfica.

O objetivo geral do artigo é apresentar a organização e análise do arquivo pessoal de Alberto Alexandre Viana de Moura como instrumento de construção de uma memória de si e coletiva, discutindo conceitos como arquivo, memória, história, ciência da informação e autobiografia a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Este trabalho proporcionará a obtenção de informações relevantes sobre a contextualização informacional de referências dos estudiosos aos conceitos anteriormente citados e apresentação da organização e análise do arquivo pessoal de Alberto de Moura na construção de sua memória que representa a moldura da história construída por ele através de seus documentos.

### ***Revisão literária - memória, história e arquivo: uma análise referencial***

O estudo da memória é preenchido pelas noções de lembrança, esquecimento, silêncio, recordação, relíquia, lugares, passado, presente e futuro, traduzidos na dialética entre memória e história, entre o afetivo e a operação intelectual.

Ao pensar nesta relação entre memória e história, posso perceber a questão de como o passado será visto pelo presente e qual a implicação disso no futuro, mas também como o futuro de hoje será o presente, e o hoje, passado do amanhã.

Essa discussão me aproxima de Hartog (1996), de sua reflexão a respeito da inscrição e do funcionamento da História na dialética: passado, presente e futuro. Em seu artigo, Hartog (1996:140) apresenta a idéia de que “a memória também tem uma história”. Mais precisamente, identifica a “transformação desta economia do tempo” onde “não mais é o passado que deve esclarecer o futuro, mas, inversamente, cabe ao futuro esclarecer o passado” (1996:129). Mas Hartog (1996) também identifica como o futuro cede lugar ao presente, gerando uma crise.

Essa mudança na relação, entre história e memória, é percebida por Nora (1993), em sua obra *Lugares de Memória*, uma empreitada que envolveu diferentes autores em torno da temática da memória e, por que não dizer, da história. Para Hartog (1996:140), o objetivo de Nora, em sua obra, era o de explicitar isto por meio de um instrumento heurístico, os lugares de memória. Ele estava preocupado em perceber como a maré memorial iria influenciar as formas de escrita da história e do exercício do ofício do historiador.

Para Nora (1993), memória e história são completamente antagônicas, ou seja, o que hoje entendemos como memória nada mais é que história. Deixamos de ter uma história-memória, pois esta foi capturada pela história. Segundo o autor (1993:10), um “dos sinais mais tangíveis desse arrancar da história da memória é, talvez, o início de uma história da história, o despertar recente, na França, de uma consciência historiográfica”.

A visão de Nora (1993) acerca do fim da história-memória antecipa algumas das formulações de Hartog (1996) em relação às mudanças do regime de historicidade. O autor define três regimes de historicidade.

O primeiro, ligado à história mestra da vida, em que a memória se faz presente no mesmo patamar da história; ambas têm o mesmo significado. É um regime que tinha no passado seu principal referencial e, segundo Koselleck (*apud* Hartog, 1996:131), o início remonta a Cícero, na história retórica e finda entre o fim do século XVIII e o início do século XIX “quando se elabora – na Alemanha em primeiro lugar – um conceito moderno de história. É o momento das revoluções e de entender a nação, o povo, a república ou o proletariado por meio da ciência (HARTOG, 1996).

O segundo tem como marco a Revolução Francesa e finda em 1989, no bojo das comemorações pelo Bicentenário da Revolução Francesa. É conhecido como o regime moderno de historicidade e tem como marco principal a passagem da história plural para a singular. Na verdade, essa passagem de um regime a outro representa uma mudança do entendimento do tempo. No regime moderno, é o futuro que comanda.

O terceiro regime tem nos Lugares de Memória seu principal representante e como os outros dois regimes também implicam no entendimento do tempo. Neste caso, a questão do presente é que se impõe. Hartog (1996), em dado momento, discute se esse é um novo regime ou apenas um corte do regime moderno. No meu entender, entramos em um novo regime de historicidade, em que a busca pelo registro do que se lembra, do que se vê ou do que se fala é imperativa para a garantia de um lugar na história ou na memória. Mesmo que não seja a memória descrita por Nora.

Mas essa nova relação entre história e memória também identifica uma nova mudança, a que Halbwachs (*apud* Hartog, 1996:132) chamou de “ritmo cada vez mais acelerado de uma vida social” ou, como Nora denominou, a “aceleração da história”. Neste caso, é o futuro que cede terreno ao presente; o agora anseia pela eternidade; vivemos uma era do presentismo.

Para Hartog (1996) essa visão em que o presente busca nascer na memória do passado implica falhas. A primeira abrange a tentativa de o presente se instaurar no passado para conquistar seu lugar no futuro, seu lugar na memória dos outros. A segunda falha é que este movimento traz por parte do presente a busca por sua identidade e raízes, a conservação representada nos monumentos e a proteção ao ecossistema.

Por fim, Hartog (1996) sintetiza essa mudança sob três eixos: o da memória, o do patrimônio e o da comemoração. É dentro dessa crise do presentismo (Hartog, 1996), desse novo regime de historicidade, que a memória sofre uma transformação, uma metamorfose: “[...] menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo” (NORA, 199:14).

Essa transição entre memória e história que afeta a produção documental é observada por Rousso (1996), ao perceber a diferença entre documentos escritos e orais. Segundo o autor (1996:1-7), esses não são produzidos na mesma hora: um é contemporâneo ao fato, o outro não; um é produzido em abundância, o outro não; um tem caráter involuntário e o outro, voluntário. Mas ambos se inserem nesse movimento observado por Nora (1993), ao tornarem-se passíveis de crítica, deixando de ser apenas vestígios do passado para ocupar o lugar de fontes históricas em função do ato de escolha do observador. Com isso, fonte e indivíduo histórico são inventados.

Conseqüentemente o “arquivo muda de sentido e de ‘status’ simplesmente por seu peso. Ele não é mais a secreção voluntária e organizada de uma memória perdida. Ele dubla o vivido...” (NORA, 1993:16).

Para Nora (1993:14), essa mudança de sentido afeta “a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado”. A partir dessa observação, posso traçar um paralelo entre o movimento de aceleração observado na história por Hartog (1996) e Nora (1993) e o movimento ocorrido com os arquivos.

Do ponto de vista arquivístico, as falhas do presentismo observada por Hartog e a obsessão citada por Nora estão baseadas, segundo Colombo (1991:103), no “pressuposto de que a conservação é necessária” em função de uma “obsessão social que detesta o esquecimento e remove o esquecido como uma inquietante prova da impossibilidade de um arquivamento totalizante”.

A primeira coloca nas mãos dos administradores a responsabilidade de eliminar os documentos, excluindo desse processo o arquivista. A segunda tem uma preocupação maior com o que preservar e nega à administração a unicidade do poder de eliminar. A terceira linha transita em dois momentos: o primeiro se aproximando da linha inglesa e, posteriormente, da alemã.

A linha americana também apresenta a noção de valor. O documento é visto pelo valor dado à instituição produtora, à história administrativa e à história em geral. Schellenberg (2002) apresenta dois tipos de valores: o primário, voltado para a administração, e o secundário, para outros usos que não diretamente voltados à administração que os produziu.

A preocupação de Nora (1993) está na eliminação dessa segunda categoria informativa dos documentos de arquivo. Esse valor secundário, ao qual se investe o documento, pode ser compreendido como a transição da memória vivida para a memória historizada e a chave para entender como o arquivo se instaura na categoria de objeto da história.

Outro paralelo que se pode traçar em relação a essa aceleração da história é o que Colombo (1991:17) denominou “uma autêntica vocação para a memória, espécie de mania arquivística que permeia conjuntamente a cultura e a evolução tecnológica”. O autor define quatro categorias de memorização para a relação presente – passado – futuro.

A primeira é a gravação, ou seja, o registro do acontecimento em algum tipo de suporte. A segunda é o arquivamento, o que significa a possibilidade de localizar o registro em dado sistema. A terceira é o arquivamento da gravação, ou seja, a guarda do documento em si e a possibilidade de posterior recuperação. A quarta e última, a gravação do arquivamento. Nesse sentido, a guarda segura do documento, bem como a duplicação para segurança da informação (COLOMBO, 1991).

Essas categorias de memorização remetem à fala de Hartog (1996), Nora (1993) e Rousso (1996) ao analisarem a questão do registro da memória. Na verdade, Colombo (1991) apresenta uma forma de como a sociedade passou a preservar seu presente para, no futuro, garantir seu lugar no passado.

Segundo Colombo (1991), entrar atualmente num arquivo significa estar diante de uma tela de computador que leva as informações contidas em um banco de dados. A pesquisa

em si implica uma operação da memória, ou seja, a seleção, a fim de obtermos, ou recordarmos, aquilo que se deseja. Esse processo foi analisado por Weinrich (2001), ao falar sobre o oblivionismo da ciência apontando os critérios de seleção de um pesquisador de ponta durante a escolha do material a ser utilizado em sua pesquisa. Para o autor, o pesquisador deve seguir os seguintes critérios:

- O que está publicado em outro idioma que não o inglês - forget it.
  - O que foi publicado em outro texto que não o de um artigo de revista - forget it.
  - O que não foi publicado nas respeitadas revistas, x, y, z - forget it.
  - O que foi publicado há mais de cinco anos - forget it
- (WEINRICH, 2001: 293).

Isto significa dizer que o processo de memorização está ligado ao processo de esquecimento daquilo que não será útil. Do ponto de vista arquivístico, significa a seleção e eliminação dos documentos, ou seja, é o momento de escolha daqueles que serão para sempre preservados e, assim, farão parte da memória e da possibilidade de se tornarem objeto da história; é o momento daqueles que não mais têm valor para quem os produziu e não recebem o “valor de testemunho” mencionado por Rousseau e Couture (1998).

Nesse sentido, ao pensar na relação entre memória, história e arquivo, temos a relação que se instaura no sentido de objeto da história, bem como o das formas de acesso e preservação do passado para viabilizar a escrita da história.

### **Arquivo pessoal: arquivar a própria vida**

O arquivo pessoal representa uma fonte de pesquisa única capaz de interagir com estruturas comunicacionais de um indivíduo e sua relação com o mundo. Os avanços de estudos teóricos e metodológicos da arquivologia transformaram esses conjuntos documentais em preciosos repositórios informacionais para pesquisadores que a cada dia se debruçam sobre o estudo acerca de personalidades do mundo da cultura, da filosofia e das artes.

No entanto, a construção desse tipo de arquivo não é privilégio apenas de pessoas com passados representativos. Produzimos e acumulamos informação dando origem a documentos guardados e organizados para um futuro próximo ou não. Essa prática é revisitada por Artiercs, (1998:11), como um mandamento originário da humanidade, quando diz:

Arquivamos, portanto nossas vidas, primeiro, em resposta ao mandamento ‘arquivarás tua vida’ - e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade.

O autor segue afirmando, “arquivamos nossa própria vida com um único destino: a socialização do mundo individual através da leitura de seus documentos, descortinados pelo próprio titular que o conserva, ou por terceiros autorizados (ou não)”.

Silva (2004:77) recorre à filosofia ao afirmar a necessidade de socialização do ser humano e diz: “sabe-se que o ser humano é eminentemente um ser social e político, como lucidamente observou Aristóteles”.

Aspectos psicossociais e psicossomáticos influenciam o indivíduo na guarda de documentos pessoais. Muitos são arquivados e outros descartados, sempre com o cuidado de não deixar a vista qualquer leitura equivocada sobre atos e omissões e que possa gerar repercussão negativa e interferir em foros íntimos do conteúdo de suas memórias.

A definição de um arquivo pessoal confunde-se com a de arquivo privado. A Lei 8.159, de 1991 possui um capítulo dedicado aos arquivos privados e o Decreto 2.942, de 1999 diz no “Art. 5º - Os arquivos privados de pessoas físicas ou jurídicas que contenham documentos relevantes para a história, a cultura e o desenvolvimento nacional e podem ser declarados de interesse público e social.” Por sua vez, a Resolução nº 12 do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), reafirma os procedimentos relativos à declaração de interesse público e social de arquivos privados de pessoas físicas ou jurídicas. Nessa perspectiva, Bellotto (2007:207) registra:

A conceituação de arquivos pessoais está embutida na própria definição geral de arquivos privados, quando se afirma trata-se de papéis produzidos recebidos por entidades ou pessoas físicas de direito privado [...]. São papéis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística, de estadistas, políticos, artistas, literários, cineastas, etc. Enfim, os papéis de qualquer cidadão que apresentem interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento.

Assim sendo, o arquivo pessoal visto como remissiva conceitual de arquivos privados dá origem a uma dicotomia comum aos acervos com documentos de valor histórico. Segundo Duarte e Farias (2005:39):

Antigamente os documentos pessoais eram considerados de índole completamente privada. Por isso eram excluídos dos arquivos públicos. A partir da história contemporânea, os documentos privados adquiriram a qualidade orgânica de documentos públicos. Com frequência, chegaram aos arquivos históricos para que recebam tratamento consoante os princípios arquivísticos.

A partir dessas e de outras definições passa a existir uma linha tênue entre a distinção de arquivos pessoais de cunho público com os de cunho privado. Essa compreensão não é muito nítida e pode complementar-se, pela influência de quem formou o arquivo, sobretudo de titulares que exercem atividades e deixam legado cultural em instituições públicas e privadas, fato bastante comum na maioria desses acervos.

A problemática se estende quando incluímos nesse contexto a definição de organicidade e a difusão de documentos pessoais emanados de ambientes virtuais.

A formação de documentos de arquivos pessoais na Web é uma realidade deste século, proporcionando gritantes mudanças tipológicas na documentação, desde as missivas às

correspondências eletrônicas, dos álbuns de fotografias aos *blog's* e *flog's*, dos telegramas ao SMS, dos diários aos *microblog's*.

Essas mudanças estimulam e renovam teorias arquivísticas. Portanto, estudos como este buscam acrescentar mais-valia naquilo que diz respeito a discussões temáticas sobre arquivo pessoal, na perspectiva da inter-relação da arquivologia com outras áreas.

A necessidade de refletir acerca das controvérsias dos princípios arquivísticos é sugerida por Olga Gallego Dominguez em 1984, e ganha amplitude noutros estudos teóricos de europeus como Armando Malheiro da Silva, Fernanda Ribeiro, Pedro Abreu Peixoto, e nacionais como Ana Maria Camargo e Heloisa Bellotto, entre outros especialistas.

Por outro lado, o caráter interdisciplinar da arquivologia permite novas abordagens e reflexões sobre arquivos pessoais, comprovado pela estreita relação que possui com a museologia, biblioteconomia, letras, comunicação, psicologia, história e outras áreas.

Para Bellotto (1998), o diálogo entre essas áreas contribui com a arquivologia, uma vez que permite fornecer às metodologias arquivísticas novas possibilidades para melhor embasar a organização de documentos pessoais, sem destoar-se dos princípios básicos da arquivologia. Não obstante, Silva (2004), aponta para a necessidade de se tratar arquivos pessoais como sistema de informação, complexo, é claro, mas que pode ser avaliado de forma “profunda e interdisciplinar,” pela própria necessidade de aplicação de técnicas e métodos evidenciados em pesquisas realizadas pela ciência da informação (CI). Assim sendo, afirma o autor:

O documento pode materialmente existir como coisa, mas epistemologicamente só existe amarrado ao binómio informação-comunicação, não podendo ser estudado, nem difundido à margem deste enquadramento ontológico. Esta prevenção de cariz paradigmático justifica e prepara a operacionalização do método quadripolar através do jogo dialéctico de seus pólos – epistemológico, teórico, técnico e morfológico. (SILVA, 2004:12).

Chamamos atenção quanto à necessidade de se tratar a informação com notória cientificidade, através das técnicas de interpretação e representação disponibilizadas nas inúmeras pesquisas realizadas no âmbito da CI, principalmente as que evidenciam aspectos teóricos e técnicos.

Nesse patamar, consideramos a representação da informação indispensável suporte na análise do documento pessoal. Observamos a constatação de que há necessidade de olhar os arquivos como fonte de informação e com positivas perspectivas impostas pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), vislumbrando novas possibilidades de acesso e principalmente o direito à informação.

No entanto, independente da adoção das TIC, toda a informação deverá ser tratada de forma criteriosa, respeitando os aspectos de preservação, sigilo, fidelidade e ética. Um arquivo de natureza pessoal carrega valores imbricados no complexo organismo familiar, envolto em objetivos próprios de gerações, baseados em trajetórias individuais.

Segundo Duarte (2007), as etapas do tratamento da informação arquivística possuem bases técnicas, metodológicas, deontológicas e política (incluindo: ética, legislação e



direito), não se limitando apenas aos tipos de arquivos e seus conteúdos, mas, sobretudo à estruturação e o contexto da informação.

### *Biografia de Alberto de Moura*

Alberto Alexandre Viana de Moura, filho de Manoel Alexandre de Moura e Teresa Viana de Moura, nasceu no dia 9 de julho de 1915 no sítio Córrego, município de Cedro, estado do Ceará, o mesmo até aos seus dezanove anos viveu com os pais cuidando da agricultura e da pecuária, na sua cidade de origem. Teve uma vida simples e modesta, pautada numa linha de simplicidade e serenidade, sua vida escolar iniciou-se através de sua própria atenção aos ensinamentos de seus amigos e familiares que transmitiam o bom senso de aprender a ler e escrever, pois o mesmo não tinha recursos financeiros suficientes para suprir sua vida escolar.

O poeta Alberto de Moura foi um pesquisador em filologia e literatura, sendo muito consultado por conta de sua abrangência informacional no conhecimento dessas áreas. Era um infatigável leitor e grande estudioso dos segredos da nossa língua portuguesa a qual escrevia com segurança e vernaculidade, era um apreciador dos clássicos da língua portuguesa, de Luiz Vaz de Camões a João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett. Dos escritores brasileiros tinha preferência por Machado de Assis, Rui Barbosa e Euclides da Cunha e uma admiração pela obra “Os Sertões” a qual lia e estudava diariamente a mesma; o poeta possuía um acervo de quase 150 livros sobre o episódio de Canudos. Pela sua admiração literária nesta obra publicou os seguintes sonetos intitulados: *Canudos*, *Antônio Conselheiro* e *a Queda de Canudos*.

As inspirações poéticas de Alberto de Moura despertaram cedo, e ainda muito jovem ele já fazia versos de toda natureza literária, muitos deles humorísticos e críticos, o mesmo apresenta uma série de sonetos e trabalhos literários em publicações avulsas. O poeta Alberto de Moura era admirado pelas suas performances poéticas, pois muitos admiradores e amigos que conheceu o seu talento e a sua brilhante inteligência, publicavam suas obras literárias em jornais, revistas e livros, que eram recitados em festividades e reuniões culturais promovidos na cidade de Ipaumirim.

O poeta Alberto de Moura foi grande admirador e leitor dos poetas cearenses, principalmente José d’Abreu Albano, Júlio Barbosa Maciel e José da Cruz Filho, em seu acervo pessoal, estão inseridos diversas obras destes poetas, também em sua biblioteca pessoal um de seus suportes materiais encontra-se os melhores dicionários da língua portuguesa, desde Antônio de Moraes Silva até Aurélio Buarque de Holanda. Outras obras de fundamental importância em nossa literatura brasileira são encontradas em seu acervo como os Sermões do Padre Antônio Vieira e as obras do padre Manuel Bernardes dentre outros.

Autodidata, não tendo frequentado escola, o único diploma que possuía era de um curso que fez em Fortaleza com o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, que logo nas primeiras aulas observou o seu destaque no conhecimento da matéria e o convidou para proveitosas conversas particulares. Manteve correspondências com autoridades intelectuais do Ceará e de outros estados. Em sua residência encontra-se guardados como



reliquias as cartas e trabalhos do desembargador Valdetário Pinheiro Mota, do príncipe dos poetas cearenses Cruz Filho e da escritora Nenzinha Galeno.

Em 3 de janeiro de 1935, pelo então prefeito José Gabriel Diniz, foi nomeado amanuense arquivista da prefeitura de Cedro. Depois de exercer outros cargos na mesma repartição, em janeiro de 1947, foi nomeado, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), agente municipal de estatística. Em junho do mesmo ano, por imposição política, o IBGE o removeu para o município de Baixio-Ceará, onde ficou trabalhando até dezembro de 1953, quando aconteceu à transferência da sede daquele município para Ipaumirim - Ceará.

Em 1943 escreveu o soneto *Cidade do Cedro* e dedicou ao seu parente e amigo Cândido Acrísio Costa. Em 1944 casou-se com a professora Graziela Albuquerque e tiveram cinco filhos. Da sua terra natal, Cedro, ele falava sempre na família e nos amigos: Coronel Celsinho, Dr. João Viana, Raimundo Pinheiro, Horário Medeiros, Luiz de Moura e outros, e guardava com saudades lembranças dos Sr. Celso Alves de Araújo, conhecido por Celso Marinheiro, pai do ex-prefeito de Cedro, Dr. João Viana e outros que são continuadores daquela grande amizade que havia entre ele e seu genitor, do farmacêutico José Firmino, do médico Dr. Antenor Cavalcante, do poeta Antônio Valdivino, do comerciante Joquinha Bezerra, dos parentes, Plácido Viana, Salustiano de Moura e do advogado José Militão que fora seu sogro e amigo.

Até o presente momento da biografia do mesmo, se fala das lembranças que guarda da sua terra natal, mas sua história não se completa sem falar da sua vivência em Ipaumirim, terra que o adotou e acolheu como filho. Chegou o poeta Alberto de Moura a Ipaumirim no início do ano de 1954, logo conquistou a amizade de todos e principalmente do prefeito que acabara de assumir o cargo, o senhor Osvaldo Ademar Barbosa, que, como ele costumava dizer, fora o seu maior amigo. Nesta cidade o poeta Alberto de Moura consagrou-se numa pessoa simples, humilde e pesquisador da vida literária, lingüística e de informações cotidianas de seu período de vida.

Na cidade de Ipaumirim, Alberto de Moura goza do respeito e da amizade dos mais simples aos mais requintados espíritos da cultura desta terra: professores, advogados, sacerdotes, agricultores, empresários, comerciantes e políticos. Tanto na cidade de Baixio como em Ipaumirim, prestou serviços à justiça como promotor e defensor dativo. Pela sua admirável inteligência conquistou a amizade dos juízes e promotores que passaram por esta comarca nas décadas de 60 e 70. Ainda hoje lhe dispensam atenção especial os juízes Arisio Lopes da Costa e Paulo de Tarso Vieira Ramos e os desembargadores Gilson Viana e Raimundo Bastos de Oliveira, este último, há bem pouco tempo publicou um livro intitulado “Fatias de Pão”, no qual relata a sua vida como Juiz em Ipaumirim e fala em várias páginas do seu relacionamento com o poeta Alberto de Moura.

Homem de vida simples, todo o seu tesouro se encontra nos seus livros que ele tanto amou e sempre dizia que faria a mesma coisa se começasse a sua vida novamente. Ele sempre teve tendências políticas e foi eleito vereador por cinco legislaturas consecutivas com significativas votações e numa delas presidiu a Câmara Municipal de Ipaumirim.

Foi autor de várias obras regionais na cidade como: os hinos da Escola de Ensino Fundamental e Médio Dom Francisco de Assis Pires e Centro Educacional XI de Agosto (Hoje Escola de Ensino Fundamental Dr. Jarismar Gonçalves Melo), o hino centenário da

feira da padroeira de Ipaumirim Nossa Senhora da Conceição e um belo soneto intitulado *Ipaumirim*, dedicado ao ex-líder político Dr. Francisco Vasconcelos de Arruda.

Em 1981, casou-se em segundas núpcias com a professora Maria do Socorro Olímpio Lucena, com quem teve uma feliz união conjugal. Vivia diariamente em sua casa, na sua calçada, cercado por amigos, muitos de nível intelectual elevado. O poeta Alberto de Moura levou uma vida saudável, com leituras aprazíveis, estudos, charadas e gozadas anedotas.

Os cidadãos da cidade Ipaumirim que o conheceram traçam o seu perfil pela seguinte afirmação: “ele é um tanto esquisito e reservado por temperamento, sempre procura fugir de homenagens e elogios à sua pessoa”. Várias vezes foi convidado para receber o título de cidadão de Ipaumirim, honraria que sempre recusou alegando que é cidadão em qualquer lugar e que não é preciso título para ser cidadão. O poeta Alberto de Moura não procurava obter títulos de reconhecimento como personalidade, pois o seu maior interesse era ministrar e transmitir para as pessoas o mundo vivo da leitura, conhecer e aprender, era uma de suas metas conceituais de vida.

Literariamente o poeta e prosador subscreve os seus trabalhos com apenas dois nomes: Alberto de Moura, o mesmo prescreveu uma vida modesta e sábia que um dia há-de merecer um estudo maior para que os cidadãos do futuro possam valorizar um homem estudioso, um homem de letras, um mestre da língua; produto do seu próprio esforço, sendo um exemplo na educação no município de Ipaumirim.

### ***“Inventariando” o arquivo pessoal de Alberto de Moura***

O objeto de estudo deste trabalho – o arquivo pessoal de Alberto Alexandre Viana de Moura – é um arquivo pequeno quando comparado a outros arquivos pessoais, em especial os de homens públicos de expressão nacional que podem reunir milhares de documentos. Por isso, optou-se por criar um inventário que indicasse cada documento do arquivo. Trata-se antes de qualquer coisa, proceder a uma identificação dos documentos, uma vez que o arquivo nunca havia sido analisado anteriormente e também, como é comum nos casos dos arquivos pessoais, ele não possuía nenhuma espécie de organização própria.

De acordo com os objetivos da pesquisa, era importante conhecer o arquivo como um todo e obter um instrumento que pudesse fornecer essa imagem de forma mais imediata. Assim, longe de uma aplicação rígida de técnicas e práticas arquivísticas tradicionais, optou-se pelo inventário através da criação da tabela.

No arquivo pessoal de Alberto Alexandre Viana de Moura (AAVM) foram incluídos todos os documentos com data anterior à sua morte, e também aqueles sem data definida, mas cujo assunto permite incluí-los nesse conjunto. Também foram incluídos no arquivo de AAVM os documentos produzidos ou dirigidos a outras pessoas e que se encontram misturados aos documentos.

Alberto de Moura faleceu em 2007, pode-se evidentemente concluir que os documentos posteriores a essa data foram ali colocados por outra pessoa, e muito provavelmente essa outra pessoa foi sua viúva, Maria do Socorro Olímpio Lucena de Moura.

No inventário, cada documento foi listado e recebeu um número (entrada) à medida que foi retirado das pastas. Na Tabela 1 pode-se observar a distribuição quantitativa dos documentos, conforme sua classificação e número de entradas no inventário do arquivo de Alberto de Moura.

**Tabela 1 - Arquivo de Alberto Alexandre Viana de Moura: distribuição dos documentos**

<b>Classificação dos documentos</b>	<b>Nº de entradas no inventário</b>
Correspondências expedidas	166
Correspondências recebidas	119
Documentação pessoal	97
Material fonográfico	105
Material fotográfico	165
Material periódico (jornais e revista)	167
Objetos pessoais de Alberto de Moura	19
Produções de terceiros	48
Produções de terceiros sobre Alberto de Moura	15
Produções intelectuais de Alberto de Moura	37
Produções literárias de Alberto de Moura	49
<b>TOTAL</b>	<b>987</b>

**Fonte:** Inventário do Arquivo Pessoal de Alberto de Moura

No arquivo pessoal de Alberto de Moura foram encontrados documentos de diversos gêneros (textuais, bibliográficos, fotográficos, fonográficos, etc.) e para melhor identificá-los foi indicada, quando possível, a espécie documental (correspondência, lei, certidão, etc.) e a tipologia (carta, telegrama, ofício, lei, decreto, projeto de lei, certidão de nascimento, etc.). Procurou-se também apresentar algumas características da forma ou suporte do documento: se era manuscrito, impresso ou datilografado; se era um rascunho, um original ou uma cópia. Ainda considerou-se se era um recorte (caso de jornais e revistas).

Identificou-se datar os documentos de acordo com a data de sua produção ou acumulação. Quando isso não foi possível incluiu-se notação s/d (sem data). No caso de correspondências, datas dos carimbos postais também foram consideradas. Não foi registrada a data tópica (local).

Acrescentou-se ao inventário, uma coluna de observações, para melhor guiar os trabalhos de pesquisa. Assim, o número total de entradas inscritas no inventário 987 documentos, cuja totalidade dos mesmos no inventário não corresponde à totalidade geral dos documentos do arquivo, que é bem superior e será apresentado no título a seguir.

### ***Organizando e analisando o arquivo pessoal de Alberto de Moura***

Um sistema de arranjo do arquivo pessoal de Alberto de Moura poderia levar em consideração aspectos fundamentais de sua trajetória como homem público e como intelectual, ou seja, levar em consideração o contexto de produção e acumulação de documentos.

No caso dos arquivos pessoas físicas, segundo Janice Gonçalves, em texto sobre a classificação e organização de documentos de arquivos, pode-se estudar a vida da pessoa para estabelecer um sistema de arranjo:

Se o organismo produtor de arquivo for uma pessoa física, as fontes privilegiadas para a realização do estudo serão os documentos que concentram informações gerais sobre sua vida. Também aqui, há grande probabilidade de que estas fontes componham o próprio arquivo a ser organizado: currículos (muito úteis, por serem simultaneamente sintéticos e abrangentes), diários (ótimos para esclarecem dúvidas mais pontuais), relatos de caráter memorialístico etc. (GONÇALVES, 1998:21).

Desta forma, uma possibilidade de arranjo da documentação poderá se basear nos cargos e funções profissionais e pessoais que Alberto de Moura exerceu ao longo da vida, com as divisões sendo representando cada um destes cargos ou funções, comportando subdivisões.

Foram identificados os gêneros documentais: textual, iconográfico, fonográfico e objetos. Esses gêneros comportam espécies e tipos documentais, como as descritas abaixo:

- 1 - Documentos textuais (manuscritos, datiloscritos, mimeografados ou impressos; podendo ser: rascunhos, originais e cópias):
  - Pessoais – relacionados diretamente à identificação de Alberto de Moura e demais documentos de seu apreço;
  - Correspondências – recebidas e expedidas;
  - Produções e obras literárias – de Alberto de Moura;
  - Produções literária, religiosa e intelectual – de terceiros
  - Legislação, jurídicos, notariais e técnicos
  - Bibliográficos – Jornais e recortes
  - Panfletos e folders
  - Contábeis e fiscais
- 2 - Documentos iconográficos – fotografias
- 3 - Documentos fonográficos – discos, CDs, DVDs
- 4 - Objetos – materiais físicos e coleções

Identificados os gêneros documentais, delineou-se outra possibilidade de arranjo do acervo documental. Cumpre lembrar que o referido sistema de arranjo é apenas uma tentativa de se obter uma visão global do arquivo.

Após a realização da identificação dos gêneros e tipos documentais presentes no inventário e, pensando-se na possibilidade de um arranjo por séries e subséries

documentais, segundo um critério tipológico e não funcional, pôde-se chegar à distribuição dos documentos apresentada na Tabela 2.

As subséries reúnem documentos que têm formato, ou seja, características formais e de estilos de apresentação semelhantes. Por exemplo, a série correspondências comporta duas subséries: correspondências recebidas e expedidas. Em cada uma delas foram incluídos: telegramas, cartas, avisos, mensagens, ofícios, cartões etc.

Não se procedeu à separação entre os documentos de origem privada e os documentos de origem pública, o que implicaria em outra possibilidade de arranjo do arquivo pessoal.

Na Tabela 2 apresenta-se o número total de documentos (incluindo exemplares repetidos ou não), divididos por série e subsérie, após contagem dos mesmos.

**Tabela 2 – Arquivo de Alberto Alexandre Viana de Moura: documentos por série**

Série / Subsérie		Nº de Documentos
Pessoais		70
Correspondências	Expedidas	190
	Recebidas	177
	Envelopes com endereços	40
	Rascunhos de endereços	16
Bibliográficos/periódicos	Jornais	44
	Recortes de jornais	217
	Revista	01
Produções de A.A.V.M.	Produções literárias	463
	Produções intelectuais	40
	Produções culturais e religiosas	20
	Discursos, mensagens e informações políticas	13
	Rascunhos	38
Produções de terceiros sobre A.A.V.M.	Produções literárias	44
	Produções intelectuais	61
Produções de terceiros	Produções literárias	42
	Produções intelectuais	08
	Produções culturais e religiosas	12
Cartorários, jurídicos, legislação	Leis, pareceres, intimação	07
	Certidões, certificados, atestados, declarações	07
	Contratos, termos	03
Panfletos, cartões, folders	Panfletos políticos, folders, cartões	30
Contábeis, financeiros, fiscais	Notas fiscais, notas de consumo, recibos, impostos, promissórias, contra cheque	41
Iconográficos	Fotografias	204
Fonográfico	Disco	105
Objetos	Objetos físicos	68
	Cédulas	37
<b>TOTAL</b>		<b>2067</b>

**Fonte:** Documentos do Arquivo Pessoal de Alberto de Moura

Cabe reafirmar ainda que a divisão dos documentos do arquivo pessoal de Alberto de Moura em séries e subséries constituiu apenas uma estratégia para se ter uma visão geral do arquivo e que foi realizada a partir do inventário.

Na série “Documentos Pessoais”, foram incluídos os documentos de identificação de Alberto de Moura: certidão de casamento, certidão de óbito, certificados e outras certidões, título eleitoral, cédula de identidade, atos de nomeação para cargos públicos, diplomas, receituário médico e entre outros. Incluiu-se também nessa série a “Síntese Biográfica” respectivamente relacionada à biografia digitada e o rascunho do Alberto de Moura.

A série “Correspondência” é umas das maiores do arquivo, o que é comum em arquivos pessoais. Subdividiu-se a série nas subséries “correspondências recebidas” e “correspondências expedidas”, totalizando 387 documentos. A série contém cartas, telegramas, mensagens, bilhetes, ofícios, cartões, convites e outros tipos de correspondência, sejam eles de natureza privada ou pública.

Os assuntos principais da série são: eleições, partidos, administração pública, agradecimentos, cumprimentos ou congratulações, nomeações de funcionários públicos, obras públicas, pedidos e solicitações, manifestações de admiração, negócios, notícias familiares, soneto.

Pode-se identificar a maioria das assinaturas, remetentes e destinatários das correspondências. No conjunto da série “correspondências” aparecem nomes de vulto da política, do jurídico, da religião, do social, bem como “pessoas comuns”: colegas de trabalho, familiares e amigos.

Entre seus principais interlocutores (políticos, intelectuais, religioso, amigos, familiares e organizações) de suas correspondências estavam: ex-governador do Ceará Adauto Bezerra, ex-senador Beni Veras, ex-senadora Heloísa Helena, Paulo de Tarso, Celso Viana de Araújo, poeta cearense Cruz Filho, Chico Luiz, padre António Feitosa, Paulo Viana, União Brasileira de Trovadores, jornal O Estado de São Paulo.

Os documentos da subsérie “correspondências recebidas” têm datas entre de 28 de abril de 1944 e o ano de 2010, sem se considerar os documentos sem data. Os documentos que constam da subsérie são basicamente originais, cópias (manuscritas, digitadas, datilografadas e cópias carbono).

Já a subsérie “correspondências expedidas”, tem como datas-balizas 17 de fevereiro de 1951 e 04 de janeiro de 2008 (as correspondências expedidas nesta última data corresponde aos telegramas enviadas pela esposa Maria do Socorro Olímpio Lucena de Moura avisando as pessoas íntimas sobre a morte de Alberto de Moura), novamente desconsiderando-se os documentos sem data ou com data imprecisa. Os documentos desta subsérie são, em sua maioria, datilografados.

Estão também incluídas na série “correspondências” envelopes endereçados das correspondências recebidas e rascunhos de endereços guardados por Alberto de Moura, a totalidades dos mesmos correspondem a 56 documentos.

A série “Bibliográficos e periódicos” é composta de jornais (maior parte de recortes) e revista, com datas que se estendem desde 28 de maio de 1955 até o ano de 2007, a

maioria dos documentos é representada pelos muitos recortes colecionados por Alberto de Moura, às vezes colados em velhos livros, mas que foram listados individualmente no inventário. Além dos recortes, há também alguns jornais completos.

O documento mais antigo e de maior número de documentos da série “bibliográfico e periódico” do arquivo é uma série sobre Os sertões de Euclides da Cunha e a Guerra de Canudos, cujos documentos eram de mais-valia de Alberto de Moura resultando em estudos e produções literárias e intelectuais. Os recortes enfocam mais diretamente notícias sobre literatura, política, cultura, história e religião. A revista, apenas 01 documento do ano de 1963, também está incluída na série “bibliográfico e periódicos”. Destaca uma série de reportagem sobre a vida e a morte de John Kennedy, presidente dos Estados Unidos.

A série “Produção de Alberto Alexandre Viana de Moura” reúne os escritos produzidos de Alberto de Moura, correspondendo a diversos temas (política, religião, etc.), mas a maioria está estritamente relacionada aos temas literários (sonetos, poesias, etc.). Os documentos da série incluem manuscritos (impressos, digitados e datilografados) originais e cópias. No levantamento das produções de Alberto de Moura foram arrolados 523 documentos. No arquivo, há originais e diversas cópias dessas produções.

A subsérie “discursos, mensagens e informações políticas” engloba 13 documentos. Os discursos, mensagens e informações representam a trajetória política de Alberto de Moura como vereador na cidade de Ipaumirim (Ceará) nos anos de 1976, 1982, 1988, 1992 e 2000.

A subsérie “rascunhos” engloba 38 documentos que estão relacionados aos estudos lingüísticos de Alberto de Moura sobre a língua portuguesa.

Na série “Produções de terceiros sobre Alberto Alexandre Viana de Moura” incluem-se 105 documentos que correspondem às produções de terceiros em diversas formas (poesia, publicação em livro, crônica), que representam várias homenagens ao Alberto de Moura: em alguns desses documentos está incluída a homenagem do desembargador Raimundo Bastos de Oliveira no livro *Fatias de Pão*.

A série “Produção intelectual de terceiros” é composta de 62 documentos que reúnem diversos materiais literários, intelectuais, culturais e religiosos guardados por Alberto de Moura, os quais foram enviados por amigos, colegas e familiares.

A série “Cartorários, jurídicos, legislação e técnicos”, engloba 17 documentos diversos, referentes às leis, pareceres, intimações, certidões, certificados, atestados, declarações, contratos e termos de Alberto de Moura.

“Panfletos” é a série que reúne documentos como panfletos políticos, programas e propagandas de eventos. Há exemplares de alguns panfletos que se contam às dezenas, a exemplo daqueles de divulgação da candidatura de Alberto de Moura ao cargo de vereador de Ipaumirim - Ceará. Destacam-se os panfletos políticos, nos quais Alberto de Moura manifesta a arte literária de divulgar sua candidatura a vereador da cidade com palavras sérias e dinâmicas para se construir propostas para o crescimento do município.

Os documentos da série “contábeis, financeiros e fiscais” totalizam 41 documentos entre notas fiscais, notas de consumo, recibos, imposto de renda, notas promissórias e contra



cheque. Os documentos tanto se referem à vida privada quanto à vida pública de Alberto de Moura.

A série “Iconográficos” é representada por 204 fotografias. As fotografias integram-se perfeitamente ao conjunto dos documentos do arquivo, pois representam a comprovação da vida pública e privada, projetos políticos, profissionais e pessoais como: o convívio com a família e os amigos, participação em eventos, entre outros momentos.

A série “Fonográfico” é representada por 105 discos, DVDs e CDs. Nessa série há diversos gêneros da música (bolero, valsa, seresta, tango, forró, hino) e nomes da música brasileira como: Luiz Gonzaga, Angela Maria, Nelson Gonçalves, Dalva de Oliveira, Sílvio Caldas, Francisco José, Dilermando Reis, Altamiro Carrilho, Zequinha de Abreu. Os DVDs representam homenagens de amigos e familiares a Alberto de Moura e os CDs são gravações reproduzidas de alguns dos discos citados anteriormente que a esposa Maria do Socorro Olímpio mandou reproduzir.

Por fim, a série “Objetos” com a subsérie “objetos físicos” que formam um conjunto de utensílios de uso pessoal, tais como óculos, lanterna, lupa, par de lentes; coleção de chaveiros e cédulas, uma coleção que corresponde a 37 cédulas; em destaque nesta série a máquina de datilografar de Alberto de Moura, pois todas as suas atividades eram datilografadas.

Quanto ao estado de conservação dos documentos, poucos precisam de cuidados urgentes, mas é preciso retirar grampos metálicos, fitas durex. Também é preciso planificá-los e promover uma higienização. Por fim, é necessário dizer que elaborado o inventário, os documentos foram reacondicionados em pastas divisórias, tentando preservar ao máximo a ordem do momento em que foram recebidos.

### *Considerações finais*

A ideia de alguém que se debruça sobre a própria história individual e coletiva que prepara o seu lugar no passado de forma a ser reconhecido no futuro foi o norte deste trabalho. Alberto Alexandre Viana de Moura, na sua biblioteca particular, acumulando e organizando documentos, guardados em pastas, agiu conscientemente, intencionalmente. Autobiográfico, o arquivo se impõe como instrumento de transmissão da imagem de si construída pelo autor ou produtor do arquivo: unitária, coerente, linear, verdadeira ou sincera.

Homem brilhante, inovador, progressista, leal, político, literário, lingüístico comprometido com os fatos e os acontecimentos do momento público e privado; um homem de vida familiar tranqüila e convívio digno entre seus amigos e colegas, que desde seus estudos da língua portuguesa e leitura das mais clássicas obras da literatura brasileira até suas atuações políticas e profissionais o faz caracterizar.

Há no arquivo um eu que enuncia e afiança o discurso e a construção da memória, que atesta uma verdade única neste arquivo. Os arquivamentos do eu são, aqui, a escrita de si e evidenciam uma pretensão de totalidade do indivíduo. Alberto de Moura acumulou documentos na expectativa de que se reconheça neste arquivo a sua verdade. Verdade atestada pelos documentos, provada.

A organização do arquivo do poeta Alberto de Moura possibilita uma prescrição da construção de uma memória única de um homem de meras e verdadeiras palavras datilografadas ou não em seus trabalhos, significando a força e a luta de construções informacionais que serão de uso futuro as novas gerações.

O arquivo não é apenas a memória do indivíduo Alberto Alexandre Viana de Moura, mas o projeto de construção do indivíduo numa memória coletiva – preservar e reunir documentos que comprovem sua participação na vida pública e privada. O dever da memória de garantir o merecido reconhecimento social, cultural e político da imagem individual que ele próprio tinha de si será apresentado para estudos e lembranças para as pessoas que o conheciam ou não.

### **Referências bibliográficas**

**ARTIERCS, Philippe**

1998 *Arquivar a própria vida: estudos históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FVG, 1998.

**BELLOTTO, Heloísa Liberalli**

2007 *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

**BRASIL**

1991 *Lei n. 8.159, de 8 de Janeiro de 1991*.

Lei de Arquivos. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>

**BIOGRAFIA**

2003 *Biografia do poeta Alberto de Moura*. Ipaumirim: [s. n], 2003.

**COLOMBO, Fausto**

1991 *Os Arquivos imperfeitos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

**DUARTE, Zeny**

2005 *O Espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: EDUFBA, 2005.

**GONÇALVES, Janice**

1998 *Como classificar e ordenar documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

**HARTOG, François**

1996 Tempo e História: como escrever a História da França hoje? *História Social*. Campinas. 3 (1996) 127-154.

**NORA, Pierre**

1993 Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo. 10 (dez. 1993) 7-28.

**ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTOURE, Carol**

1998 *Os Fundamentos da disciplina arquivística*. Trad. Magda Bigotte de Figueiredo. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

**ROUSSO, Henry**

1996 O Arquivo ou o índice de uma falta. *Estudos Históricos*. 17 (1996). Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br>

**SCHELLENBERG, Theodore R.**

2002 *Arquivos modernos: princípios e teorias*. Trad. Nilza Teixeira Soares 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

**SILVA, Armando Malheiro da**

2004 Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interativo. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto. Série 1. 3 (2004) 55-84.

**WEINRICH, Harald**

2001 *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Vanildo Pereira Pontes | [vanildopontes@hotmail.com](mailto:vanildopontes@hotmail.com)

Bacharel em Biblioteconomia. Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil